

Editorial

Labour, employment and unemployment are subjects that have gained in contemporary world a frightening role, larger than the ghost of his father was for Hamlet. There are people who say that the conservative Fronde and capitalism's technological revolutions have transformed everything, and that in an environment of entrepreneurial victory the economic policy has concentrated exclusively and overwhelmingly on money, finance and the exchange rate. Which is a form of consecrating of the financial.

Tony Blair's triumph, however, and mainly the socialist recovering under Lionel Jospin's leadership in France have brought once more to the theater of economy, in the Europe's unification agenda, the employment issue. But this effect has not occurred only in Europe. They put on the proscenium of the world, on the political headline the necessity of facing the dark and forlorn side of the unemployed population. Capitalist civilization is not only the extravagant circus of bands and currencies, where speculative joy is generated, but not the creation of jobs. It is true that we are in an age in which employments' route is services, precarious and informal labour, creation of micro and small enterprises, etc. What is clear, nevertheless, is that in our present financial and technological civilization, those not concerned with labour will lose their political mandate, if politics retains its democratic clothing (which is not totally clear). The present has always an absurd, chronic haze, where the future might even be glimpsed at, but sometimes - and, in transitions, generally - the present finds itself midst a "London fog". The worst is that one only knows where one is afterwards, or "ex-post", as many economists say.

*As to **Ensaïos FEE**, the former edition had already proposed some views and discussions on what we are talking about; this issue now brings forth, like a submerged body that makes its way to the ocean's surface, the irresistible presence of "informal labour and*

Editorial

O tema do trabalho, do emprego e do desemprego tem assumido, no mundo contemporâneo, um papel assustador, maior do que o espectro paterno para Hamlet. A quem diga que a fronda conservadora e as revoluções tecnológicas do capitalismo transformaram tudo, e, num ambiente de vitória empresarial, a política econômica concentrou-se, exclusiva e avassaladoramente, na moeda, nas finanças e no câmbio. O que é uma forma de consagração do financeiro.

*Porém o triunfo de Tony Blair e, principalmente, a retomada socialista na França, sob a liderança de Lionel Jospim, trouxeram ao teatro da economia, na agenda da unificação européia, novamente a questão do emprego. Mas o efeito não foi só na Europa. Eles puseram no proscênio do Mundo, na vitrine política, a necessidade de encarar a face escura e desamparada da população em desemprego. A civilização capitalista não é apenas o estravagante circo dos títulos e das moedas, onde se gera a alegria especulativa, mas não se gera a criação de postos de trabalho. É verdade que estamos numa era de emprego, cuja rota são os serviços, a precarização do trabalho, o trabalho informal, a criação de micro e pequenas empresas, etc. O que fica claro, no entanto, é que, na atual civilização financeira e tecnológica, aqueles que não se preocuparem com o trabalho perderão o mandato político, se a política permanecer com a vestimenta democrática (coisa que não está totalmente clara). O presente tem sempre um nevoeiro absurdo, crônico, onde o futuro pode até ser vislumbrado, mas, às vezes — e geralmente nas transições —, o presente encontra-se em pleno "fog londrino". O pior é que só se sabe onde se está, depois, ou **ex-post**, como dizem diversos economistas.*

*Quanto aos **Ensaio FEE**, a edição anterior já tinha proposto algumas visões e algumas discussões a cerca do que estamos falando; este número traz à tona, como um corpo submerso que estala na superfície do mar, a presença irreversível do **trabalho***

small enterprises" - our cover topic. One sees that the panorama seen from the bridge changes. And in change we have to look for how it changes. For this purpose our texts come. There are too many interesting things to be read on our present approach, which range from theoretical aspects, balances, to the analysis of Africa's informal sector, not forgetting Brazil, which is also contemplated in our pages. The authors that attract our attention are: Arnaldo Bagnasco, Philippe Huggon, Abderraouf Hsaini, Beatriz Azevedo, Hubert Schmitz, Jacques Charmes, Phillipe Adair, Maria Carolina de Souza, Leonel Mazzali, and Miguel Juan Bacic. The merit for the presence of this range of analysts comes from Beatriz Azevedo's coordinating administration, whose relentlessness and good humour, as well as efficiency, brought converted this project into reality.

As always, besides our cover topic, the issue in debate, we have other works. They are not about particularities, but about candescent, acute themes, with texts attempting to show the subtle riddle of the present, from the crisis side, from the political side, and from the empirical side. We have gone through Fordism, we are faced with the shadow of fascism, and we discuss whether economy does come from Asia, as Giovanni Arrighi thinks. (It is worth saying, as a digression, that Campos de Carvalho wrote a beautiful book: **The Moon Comes From Asia**. Thence our parody...). Finally, a little bit of theory - and good theory indeed - attends our pages. Theory on competition, which in reality is becoming like certain American motion pictures: excessively ferocious. Naturally it is never drafted on black and white; always colour, of course - as it is treated by a certain media, of doubtful ideological campaign. Our concern, rather, has other tones; therefore we convoked Luís Augusto Faria, Manoel Malaguti, André Moreira Cunha, and Ronaldo Herrlein Jr. to contribute, to complete, in an equally critical manner, this issue whose center is the unremovable contemporary presence of **Informal Labour and Small Enterprises**.

The Editor

informal e pequenas empresas — nosso tema de capa. Percebe-se que o panorama visto da ponte muda. E na mudança, é preciso ver como é que ele muda. Aqui entram os nossos textos. Há tanta coisa interessante para ler na abordagem em curso, que vai desde aspectos teóricos, balanços, até a análise do setor informal africano, não escapando o Brasil, contemplado que está em nossas páginas. Os autores que atraem nossa atenção são: Arnaldo Bagnasco, Phillipe Hugon, Abderraouf Hsaini, Beatriz Azevedo, Hubert Schmitz, Jaques Charmes, Phillipe Adair, Maria Carolina de Souza, Leonel Mazzali, Miguel Juan Bacic. O mérito da presença dessa gama de analistas está na gestão coordenadora de Beatriz Azevedo, que, incansável e bem humorada, tanto quanto eficiente, converteu em realidade tal projeto.

Como sempre, além do tema de capa, do assunto em debate, temos outros trabalhos. Não tratam de miudezas, são temas candentes, agudos, contextos tentando mostrar o enigma sutil da atualidade, seja pelo lado da crise, seja pelo lado político, seja pelo lado empírico. Passamos pelo fordismo, somos postos diante do fascismo e discutimos se a economia vem da Ásia, como pensa Giovanni Arrighi. (Vale dizer em digressão, que Campos de Carvalho escreveu um lindo livro: **A lua vem da Ásia**. Daí a nossa paródia...). Finalmente, um pouco de teoria — e boa teoria — está frequentando nossas páginas. Teoria sobre a concorrência, que no real está virando, como certos filmes americanos, excessivamente feroz. Naturalmente que ela não é desenhada nunca em preto e branco; sempre a cores, é claro — como trata certa mídia, de duvidosa campanha ideológica. Nossa preocupação, ao reverso, tem outros matizes, por isso convocamos Luiz Augusto Faria, Manoel Malaguti, André Moreira Cunha e Ronaldo Herrelein Jr. para acrescentarem, para completarem, igualmente de forma crítica, o número, cujo centro é a inafastável presença contemporânea do **Trabalho informal e pequenas empresas**.

Editor